

FIM DE LINHA

Um poeta antigo e ático,
desterrado da Grécia amada ardentemente,
escreveu um dia de densas nuvens baixas
(baixas no espírito, pois corriam altas
esboçando no azul o seu vôo alvo),
esse poeta antigo escreveu um dia
que a todo mundo chega a hora decisiva
de dizer “sim” ou “não” para fazer da vida
uma linha forte em geometria exata.

Um professor que leu esse poeta antigo
e esse poema escrito sobre o “sim” ou “não”,
comentário de Dante sobre outro mestre;
esse professor, quando novo e apesar de cético,
que disse um dia “sim” ao ensino e ao ensinar,
pondo no ensino a sina de formar,
que disse, então, um “sim” amoroso e incontido,
“sim” que o laçou e aos poucos o foi gastando
entre o agora, o talvez, o amanhã e o quando;
esse professor, que se foi gastando
com o afã de formar ou ensinar aos outros,
se empurra para o mais distante exílio,
agudo e fatal, violento e definido;
esse professor agora se pergunta:
*“Como continuar formando generoso,
se me deforme de mim para formar?”*

É outro, assim, o momento decisivo,
em que deve dizer “sim” ou dizer “não”.
Nesta outra hora, porém, cansado dos sentidos,
e cegando-se à luz intensa da razão,
não vê mais os jovens vagos e indecisos.
Diz então um “basta”, e este “não”
vai perseguir a este justo altivo
pelo resto da vida sem perdão.

Antônio Manoel dos Santos Silva¹

¹ Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira. Reitor da Universidade Estadual Paulista /UNESP



*
A.D., 1997

* Alexandre Dimitrov é estudante de engenharia mecânica na Escola Federal de Engenharia de Itajubá. Entre números e cálculos, lógica e razão, procura na fotografia “os sentidos em qualquer dos sentidos”.